

Faculdade de Educação: 20 anos.

Magda Becker SOARES

A nossa diretora me convocou a ser a voz de nós todos nesta sessão comemorativa dos 20 anos de nossa Faculdade de Educação. Como sou um dos já agora poucos professores que participaram da criação desta Faculdade desde o primeiro momento, não me senti no direito de negar, nem mesmo de resistir. Tenho, entretanto, medo de frustrar as expectativas dela e dos que aqui estão, que podem estar esperando que a minha fala recupere o acontecido e o vivido nesses 20 anos, como é de praxe em momentos como este. Mas para isso eu não seria a pessoa adequada, porque os fatos sempre me marcaram pouco, tão pouco que eu os esqueço mal ocorrem; do acontecido e do vivido o que em mim fica são as ressonâncias, as subjacências, as recorrências – o que transcende o acontecido e o que transubstancia o vivido. E é dessas transcendências e dessas transubstanciações que quero falar aqui hoje, retomando um fluxo discursivo que comecei na aula inaugural deste ano, quando demos início às comemorações dos 20 anos de implantação desta nossa Faculdade.

Como naquela ocasião, quero aqui e agora, de novo, transcender esse marco dos 20 anos, ao mesmo tempo, transubstanciando-o, – *relativizá-lo e eternizá-lo*, não contraditoriamente, mas complementarmente.

Em primeiro lugar, é preciso, creio, relativizar a importância e a significação de 20 anos de existência de uma instituição – relativizar espacialmente e temporalmente.

Há um conto de Voltaire que exerceu uma profunda influência em meu pensamento e que eu gostaria de lembrar aqui, para tornar mais claro a que me estou referindo, quando falo de relativização espacial. É o conto MICROMEGAS, que narra as aventuras e, sobretudo, as reflexões filosóficas (trata-se de um conto do gênero “conto filosófico”) de um ser, Micromegas, que chega ao nosso planeta vindo do sistema de Sirius – a estrela mais brilhante e a maior do hemisfério sul, um sol muito maior que o do nosso sistema e com planetas muito maiores. De um desses planetas veio Micromegas – enorme para nós, pequeno para habitantes de outros planetas do sistema de Sirius – e seu nome diz tudo: micro e mega, pequeno e grande, dependendo da perspectiva pela qual vê ou pela qual é visto. Do conto emerge a relatividade de nossa importância, de nossa dimensão – minúsculos personagens em um minúsculo continente, onde há um país, entre muitos, uma cidade, entre muitas, uma instituição, entre muitas, tudo isso num pequeniníssimo planeta de um sistema solar que é um ponto perdido na imensidão de um enorme universo (quem sabe, não enorme, mas pequeno, diante de outros maiores mistérios que desconhecemos?)

E sob essa perspectiva, vindo de Sirius, o que é uma instituição em uma cidade de um país, de um continente, de um planeta, de um sistema solar, de um universo?

E se pensamos em uma perspectiva temporal? Na aula inaugural deste ano, tentei colocar nossos 20 anos numa perspectiva histórica, buscando, em uma História da Educação, referências a períodos de tempo: e af se fala em século, em metade de século, na melhor das hipóteses, em quartéis de séculos: no século XV... na segunda metade do século XVII... no último quartel do século XIX... E naquela ocasião, eu lembrava que, em meados do século XXI, que já se aproxima, nós seremos o último quartel do século XX, e logo, ao final do século XXI, ou em meados do século XXII, nós seremos a segunda me-



tade do século XX, e daqui a dois ou três séculos, seremos apenas o século XX. Eu imaginava a tese de doutoramento de um estudante do ano 2300, que, num estudo sobre os Institutos Superiores de Educação, escreveria frases como: Na segunda metade do século passado, como conseqüência de uma reforma do ensino superior no país, surgiram as primeiras instituições que concentravam os estudos de Pedagogia e a formação de professores em escolas que, à época, receberam a denominação de Faculdades de Educação e foram o germe dos atuais Institutos Superiores de Educação. . .

Isto somos nós e os nossos 20 anos: o presente de um futuro que nos verá como segunda metade do século XX, como germe de realizações que nem podemos imaginar. . .

Mas nem é preciso ir tão longe. Basta apenas pensarmos este nosso presente como o futuro do passado. São apenas 20 anos; no entanto, quem são aqueles, dos aqui presentes, que sabem que esta instituição foi um dia um Departamento de Pedagogia de uma Faculdade de Filosofia? Quem são aqueles, dos aqui presentes, que sabem que esta Faculdade de Educação surgiu não em 1968, quando foi oficialmente implantada, mas 2 ou 3 anos antes, na administração precursora e corajosa do reitor Aluísio Pimenta, e surgiu não só como idéia e como sonho, mas como proposta e projeto, antes mesmo que surgisse na legislação educacional?

E estamos aqui neste prédio. Quantos sabem que não estivemos sempre aqui? que começamos a funcionar como Faculdade de Educação em poucas salas do prédio da rua Carangola, que é hoje a FAFICH? e mais: quantos sabem que o Departamento de Pedagogia, origem desta Faculdade, começou a existir em salas emprestadas do Instituto de Educação, onde assistíamos aulas incomodamente instalados nas pequenas carteiras dos alunos do curso primário? e que depois passou a funcionar no Edifício Acaiaca, décimo nono e vigésimo andar: enormes filas para tomar o elevador que levava à Faculdade, e, nos intervalos das aulas, a cidade vista de cima do alto. . .

E quem sabe o que foi este prédio, em que agora estamos, antes de aqui se instalar a Faculdade de Educação? Quem conhece a história deste espaço que hoje ocupamos? Outras instituições existiram aqui – o Colégio Universitário, o Colégio Integrado. . . aqui já esteve a Escola de Biblioteconomia. . . outras palavras soaram aqui, outros professores, outros alunos, outros funcionários circularam por estes corredores. . . outras idéias, outros pensamentos povoaram estas salas. . . Quem são, onde estão, para onde foram? Quem os conhece, quem se lembra deles?

E desta instituição mesmo, desta Faculdade de Educação, quantos dos que ajudaram a construí-la já foram esquecidos? ou nem mesmo são conhecidos? Assisti a um grupo de professores e funcionários, que chegaram a esta Faculdade nos últimos anos, surpreendendo-se, outro dia, diante das fotografias expostas ali na sala ao lado: mas quem é este? mas quem é esta? e era o prof. Fontes. . . era Otáza. . . era seu Deli. . . era Sônia e Clery. . . era Dona Alcina. . . E me veio à mente uma fala de Hamlet: "Há, portanto, esperança de que a memória de um grande homem possa sobreviver-lhe por meio ano."

São apenas 20 anos. . . e quanta coisa, quantas pessoas já estão perdidas no tempo. . .

Isso será feito de nós também. Que instituição será esta, daqui a outros 20 anos? ou 30, 50 anos? em que es-

paço estarão sendo comemorados os 50 anos desta instituição? Andamos nos lamentando porque temos de esperar 6, 8 anos para termos o nosso prédio novo. . . o que são 6, 8 anos? Outro dia, revendo o filme "Anjo", da Marlene Dietrich, ouvi esta fala de um dos personagens: "200 anos, para a História, são 25 páginas." 6, 8 anos não chegam a ser uma página. . . Daqui a 30 anos, estarão comemorando os 50 anos em outro prédio, e nem se lembrarão que um dia a instituição esteve aqui, sob este teto, entre estas paredes. . . tal como hoje aqui estamos, e nem nos lembramos que estivemos em outro lugar. . . e que outros instituições estiveram aqui. . .

E quem serão os que estarão comemorando os 50 anos desta nossa Faculdade de Educação? Quem estará sendo o orador na sessão comemorativa dos 50 anos? quem serão as Magdas, os Hélios, as Bianchis de então? Nós certamente já aqui não estaremos. . . e se houver uma exposição de fotografias, estarão perguntando: quem é esta? quem é este? O tempo nos terá perdido. . . Não somos nós que perdemos o tempo, já disse um poeta brasileiro, é o tempo que nos perde. . .

É esse olhar sobre o passado e o futuro que nos obriga a relativizar a dimensão deste marco: 20 anos de implantação da Faculdade de Educação da UFMG.

Mas há um outro olhar – complementar, não contraditório – que leva a ver como eternos estes 20 anos.

Eterno é tudo que passou, eterno o que está passando, eterno o que virá, e também passará. Assim dizia o nosso poeta Drummond:

*(eterno) é tudo que passou, porque passou
é tudo que não passa, pois não houve
eternas as palavras, eternos os pensamentos:
e passageiras as obras.*

Eterno o que passou, porque não estaríamos aqui hoje se não tivesse havido as salas emprestadas do Instituto de Educação, se não tivesse havido os andares do Edifício Acaiaca e a cidade vista do alto, se não tivesse havido o Departamento de Pedagogia de uma Faculdade de Filosofia. E aqui não estaríamos se não tivesse havido o reitor Aluísio Pimenta, o professor Fontes, a dona Maria Luíza de Almeida Cunha, dona Filocelina, dona Alda Lódi, dona Alafde. E outros seríamos se não tivéssemos convivido com Otáza, dona Alcina, Norma. . .

Eterno o que está passando, porque os que estarão comemorando os 50 anos desta nossa Faculdade daqui a 30 anos não o estariam fazendo se não tivéssemos nós aqui hoje construindo esta instituição: cada curso que damos, cada pesquisa que fazemos, cada artigo que escrevemos está permitindo que o futuro exista: eternas as palavras, eternos os pensamentos, como disse o poeta.

Por isso este momento é micro e é mega, somos todos Micromegas. Como é pequeno e como é grande fazer 20 anos! Como é insignificante e como é importante fazer 20 anos! Sabendo-nos micro, devemos também saber ser mega – saber ser micro é ter a consciência de nossa dimensão; saber ser mega é ser generoso com o futuro, dando tudo ao presente. Daqui a 30, 50, 100 anos haverá uma instituição que não haveria se não estivéssemos aqui, agora; não estaremos mais nela, mas é ela que estamos criando e é para ela que estamos entregando o nosso presente. Ao comemorar os tão poucos 20 anos dessa instituição, estamos eternizando o passado, este presente e o futuro. Que saibamos ser eternos.